CLIPPING IMPRESSO
VEÍCULO - JORNAL DO BRASIL
DATA SEGUNDA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 2004

Eleições, mentiras, guerra e morte

NELSON ROCHA
CONTADOR

Dois anos e meio após o atentado ao World Trade Center, mais uma tragédia se abate sobre o mundo, provocada pelo terrorismo, com a explosão de dez bombas em estações de trem em Madri, sem identificação concreta dos autores, mas com indícios fortes do Al Qaeda como o responsável pelo ataque.

Mais de 10 mil civis já morreram em decorrência das guerras do Afeganistão e Iraque, na caça a Bin Laden e retaliação aos países do chamado "eixo do mal".

A invasão do Iraque pelos EUA completa 1 ano. Fato tão significativo na história mundial merece reflexão. Exame mais depurado deve ser feito em relação aos atos do presidente Bush desde o trágico 11 de setembro, visando às eleições americanas. Já está comprovado que não havia armas químicas no Iraque que justificassem o ataque. Ingenuidade daqueles que acreditaram no suposto erro das agências dos serviços secretos americano e britânico de que tivesse ficado aparente só agora, depois de muita "investigação". Ingenuidade também daqueles que acreditaram nos discursos de Bush e Blair de que o Iraque era o inimigo a ser vencido para que não fosse enfrentado um novo 11 de setembro. É certo que o presidente dos EUA e o primeiro-ministro da Inglaterra já sabiam que não havia provas concretas sobre as ditas armas de destruição em massa.

Por isso, nossa reflexão deve recair sobre as eleições. Para um presidente que enfrentou o atentado de 11 de setembro, "destruir o inimigo" certamente renderia muitos votos, o que gerou grande empenho das forças militares americanas. Criar pânico entre os cidadãos americanos, com alertas amarelo e laranja, para obter apoio à invasão, foi uma tática bem-sucedida de Bush. Razões econômicas não faltaram, desde a disputa pelo mercado mundial de petróleo até a reconstrução do Iraque por uma empresa que já foi presidida pelo atual vice-presidente Dick Cheney, passando pela indústria bélica, freqüente patrocinadora de campanhas eleitorais. Mas essa estratégia acabou custando a vida de milhares de afegãos, iraquianos e espanhóis, de muitos soldados americanos e britânicos, o que acabou por provocar reação mais forte dos que eram contrários à invasão e iniciou o questionamento dos que foram favoráveis ao ataque. O governo dos EUA foi obrigado a "investigar" melhor a questão das armas, com a descoberta de que as informações eram consistentes.

Nada disso deveria surpreender o mundo, pois são atitudes de um presidente que se elegeu sem a legitimidade das urnas no país que se diz a maior democracia. Outro exemplo foi o desrespeito dos EUA com a ONU, que queria provas concretas das armas químicas para estudar a melhor forma de invadir o Iraque. A ONU não foi ouvida e acabou perdendo vários funcionários, entre eles o brasileiro Sérgio Vieira de Melo, vitimado no Iraque.

A prisão do líder iraquiano soterrou as suspeitas sobre armas de destruição em massa, pois o resultado da guerra era positivo, já que os EUA havia conseguido tirar Saddam Hussein do cenário como governante.

Ainda que seja digna de mérito a captura de Saddam Hussein, não é possível que se apague da memória todos os erros cometidos por Bush, que custaram a vida de inocentes.

Se o quadro mundial já não fosse grave após a invasão do Iraque, teríamos, agora, enorme motivo de preocupação com o ataque à população espanhola.

Dois anos e meio se passaram e o número de vítimas vem aumentando. Mais uma vez, o acontecimento trágico mexe com as eleições, na qual o governo espanho foi derrotado após o ataque, que só ocorreu, pelo que se apurou até agora, em função de a Espanha ter apoiado os EUA na invasão do Iraque, mas o presidente Bush tentará faturar mais votos para a su reeleição com o discurso do "eu estava certo".

No fim de contas, temos: terrorismo = mortes = represália = guerra = mortes. Peça fundamental neste contexto mundial: Bush = eleições.

Por que Bush, "o todo-poderoso" não conseguiu estabelecer uma estratégia de combate ao terrorism eficiente? Por que os atentados continuam ocorrendo? Por que a Al Qaeda não foi neutralizada? Porque uma nação com o poderio dos EUA não deveria ser liderada por um presidente estulto, que só acirrou a diferenças entre Ocidente e Orient

Presidente do Conselho Regional de Contabilidade/RJ